

# POESIA COMPLETA

1954-2004

POR  
YOLANDA MORAZZO



ESCRITORES DOS PAÍSES  
DE  
LÍNGUA PORTUGUESA

37

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

2006

## PREFÁCIO

*Nestes cinquenta anos de poesia, Yolanda Morazzo passou por várias fases poéticas que estão datadas.*

*São quatro os livros correspondentes a etapas cronológicas.*

*O primeiro livro, que denominou Velas Soltas, inclui poemas de 1954 a 1959.*

*Inicia com um pequeno poema intitulado «Só» que nos fala da solidão após a partida de um amor de um só dia ou de uma só hora.*

*Solidão muito semelhante à de um ilhéu que vê partir o navio que, por momentos, lhe deu a ilusão de outros ares, outras terras. A sensação de uma carícia ou de um beijo tão ténue que se evapora numa nuvem, num sopro de morte, roçando-lhe o peito, representa essa espécie de lacuna, de ansiedade, de algo que se pressente vindo «não sei de onde / de que estranho país / de que esferas».*

*E se o agente poético ama a vida e transmite isso através do incitamento «É viver! É viver! / Que a hora é suprema! / É vibrar! É vibrar!», por outro lado, também a mágoa o habita, levando-o a interrogar:*

Por quê esta mágoa  
Tão húmida e quente  
Que eu sinto nos olhos  
A vir do mais fundo  
Do meu pensamento?

*O amor é desejado e esperado em cada instante da sua vida, mas esvai-se, por vezes, entre os dedos. É a carta que não chega ou é apenas um momento, «o espasmo leve / leve e breve».*

*Perpassa na sua poesia um sentimento de nostalgia, motivado por uma saudade daquilo que não se conhece, «sonho de uma outra vida que pressenti / o meu sonho de ti é uma paisagem / indistinta e que só o sonho tece», sentimento esse tão característico do ilhéu que o lança na busca de «encontrar a paisagem que nunca vi» e na aventura do desconhecido («hei-de escalar os píncaros de todas as serras») ou no desejo de atingir a perfeição («descerei ao fundo de todos os abismos / e rasgarei o Silêncio, / Irei e tenho de A encontrar!»).*

*A insularidade tão cabo-verdianamente sentida é plasmada no drama da chuva que não vem e na alegria quando ela acontece:*

Dias de chuva!

Às vezes acorriam crianças  
Meninos da vizinhança  
E então debaixo das goteiras  
Fazíamos roda e cantávamos...

Dia de chuva era dia de festa!...

*Mas a insularidade é tecida igualmente na fome do povo e na luta pela sobrevivência que o obrigam a partir para outras paragens, perdendo-se «nesse mar imenso».*

*Em «Canção da minha terra», onde se pressentem ecos de Jorge Barbosa («Estas ilhas perdidas / onde as montanhas vermelhas / se erguem aos céus como uma súplica»), a poetisa retrata o drama do seu arquipélago.*

*As secas que caracterizam uma paisagem predominantemente árida, com algumas exceções («Só as palmeiras / vergadas para o solo / são uma prece silenciosa»), a escravatura em séculos idos e a fome, que nos anos 50 era ainda um flagelo, particularizam esta terra, na qual as mornas, as coladeiras e as festas de Santo António e de São João são a expressão que o povo encontra para compensar e ultrapassar as suas terríveis dificuldades.*

*A sua humanidade, porém, não se cinge apenas à evocação da terra e do povo cabo-verdianos, mas estende-se a toda a África (no poema «Melodia na selva») e a todo o mundo, num abraço à humanidade, com a esperança de que, um dia, haverá felicidade sobre a terra («No derradeiro instante da Hora mais perfeita / um sopro percorrerá as entranhas do mundo...»).*

*Cântico de Ferro é o segundo livro da sua obra com poemas escritos na década de 60, mais concretamente de 1960 a 1966.*

*O primeiro poema desta série, intitulado «O mundo vai acabar», é de natureza política e aparece como uma espécie de premonição.*

*É dedicado «ao filho por nascer» que representa um país novo que estaria por surgir das cinzas de um mundo que ia acabar.*

*A poeta afirma:*

E tenho que te acordar  
E tenho que te despertar  
Antes mesmo do teu sono terminar  
Tenho que te dizer  
Que alguma coisa  
Um sino está tocando muito longe  
Um grande coração está dizendo  
Que esta terra é tua — meu filho.

*Este poema, escrito em Cambambe, faz parte de um conjunto de poesias ligadas a África, onde são evidentes os seus ideais contra o colonialismo, defendendo a independência dos povos dominados.*

*O poema «Deixa passar a turba alucinada», embora seja um pedido de perdão e de benevolência para com essa «turba alucinada» que constituía a alta sociedade colonial, na qual o agente poético se inseria, há uma consciência política que nele é clara, tanto na certeza declarada no primeiro poema, «Esta terra é tua», como no modo distanciado em que se coloca em relação a essa sociedade alienada que defendia valores que não eram os seus.*

*No poema «Colonialismo», as posições referidas são visíveis e mais concretas, revelando o seu pensamento sobre o que foram os cinco séculos de cativeiro colonial para o povo africano:*

Quinhentos anos  
escoando-se gota a gota  
no coração do dia e da noite  
quinhentos anos  
sem que mudasse  
o ritmo das horas silenciosas  
arrancadas à calma majestade  
da aurora que vieste interromper.

*E de novo ecoa a voz de Jorge Barbosa no longo poema «Meio milénio», que se conservou inédito até à sua publicação em 1992, mas escrito na ilha do Sal, em 1960. Jorge Barbosa fazia o balanço da história de Cabo Verde por altura das comemorações em 1960 dos cinco séculos dos seus descobrimentos em versos como estes:*

5 séculos  
tristes e lentos  
de longa penitência  
vincados e sofridos  
na alma  
atormentada das ilhas  
guardados ainda  
nos recessos da memória.

*Yolanda Morazzo não podia ter conhecido este poema, que se encontrava guardado sigilosamente, o que prova como, nessa época, os corações dos poetas batiam em uníssono. Yolanda faz, assim, igualmente o seu balanço, numa crítica à passividade das autoridades coloniais perante a fome, a morte por inanição e outras desgraças que vitimaram tantos milhares de vidas. Termina o poema levantando um dedo acusador sobre os responsáveis dessa política colonial:*

Como o herói  
que voltou duma batalha  
agora  
bates no peito  
e clamas

Em vão

já ninguém te acredita  
ídolo morto  
feito em pedaços a um canto.

*Este poema é escrito em 1961, quando se iniciam as guerras pela libertação e a autora revela uma grande coragem pela forma como se dirige ao colonizador, consumando em 1961 o fim que se iria processar só em 1974.*

*Em «Sonho negro», o diálogo com o negro João, que confessa que gostaria de ser professor, mas que era um sonho impossível, porque «di-*

nheiro não tem / não apanha tempo patrão», mostra-nos a sua consciência em relação à vida redutora e sem futuro do negro em geral.

Na sua vertente social, na qual realça o sentido do respeito pelo homem africano enquanto legítimo senhor da sua terra, vários são os poemas neste livro que confirmam a identificação da autora com princípios éticos e ideológicos que configuram a sua formação marxista dentro duma visão humanista.

«Sátira dos oprimidos» é um libelo terrível que, pela via da ironia, desconstrói todo o edifício colonial: a opressão sobre o negro que trabalhava ao som do chicote e o silêncio do oprimido pelo medo «que enche a barriga aos poderosos / senhores da terra e dos ventos».

Mas a ironia e a sátira, descontraindo, têm como objectivo construir algo. Este poema, ao denunciar a condição do homem colonizado, pretende ser um incitamento per contrarium a reagir contra as forças redutoras que o tentam esmagar e retirar aquilo que há de mais sagrado no homem — a sua dignidade.

Igualmente, os poemas «O túnel», «Canto de ferro» e «Poema para um operário» seguem a mesma linha, já não pela ironia, mas por uma forma directa, na qual a interrogação às forças do poder é duramente inquisidora:

vós que olhais o mundo de cima  
sem descer as ravinas da dor

.....

quanto custa? dissei-me depressa  
quanto custa o sangue de um homem?

In «Poema para um operário»

Mas é igualmente militante no acto de consciencialização do trabalhador operário:

deste a carne o sangue e os ossos  
e a quem? Para quê? E porquê?

O poema «Canto de ferro», que justifica o título do livro e resume toda a sua mensagem, é um livro de amor ao «operário-irmão dos tempos esquecidos» que é, simultaneamente, pela mesma via da interrogação, um despertar para os seus direitos:

Tu pelos caminhos molhados  
De sangue e lágrimas do teu rosto  
Tu que trazes em ti as alvoradas

E a luz dos poentes que são teus,  
Quando começas a erguer  
A tua própria estátua?

*Os operários que trabalhavam na barragem de Cambambe, em grande parte, eram cabo-verdianos, seus conterrâneos, com quem a autora conviveu durante os dez anos que lá esteve e com eles aprendeu a lição de humildade e de respeito pelo próximo.*

*O conhecimento do seu trabalho árduo, sem segurança e poucas compensações, mas muitas dores e, por vezes, com lutos dramáticos, aprofundou na poeta a sua consciência para os problemas do operário e da sua situação num regime ditatorial e colonizador.*

*O estilo torna-se exortativo, marcial e os versos são duros, de estrutura pesada, evocando a própria existência do operário:*

Eu te amo  
Porque a tua voz  
Tem o som cavo dos abismos  
Da noite perdida na distância  
Sepultada em camadas geológicas  
Do tempo e da civilização  
.....  
Às vezes arrastando correntes  
Com grilhetas nas pernas e nos pulsos  
Ou caminhando ao som de guerra.  
.....  
Amo-te  
Seiva e orvalho na terra dos deuses  
Amassada pelo chicote alheio  
Pelos gritos da opressão.

*Como o próprio título indica, é um «canto de ferro» que poderíamos inserir na estética do peso, à semelhança do que considera Eucanã Ferraz ao tratar da poesia de Eugénio de Andrade, por contraste com a estética da leveza, sua principal característica.*

*Inspirado em Ítalo Calvino que, ao tratar da leveza como valor poético, o definiu como uma retirada de peso da estrutura da narrativa e da linguagem, Eucanã Ferraz evidencia esses dois pólos, o da leveza e o do peso, sobrelevando a estética da leveza em Eugénio de Andrade.*

*Poder-se-ia dizer o mesmo da poesia de Yolanda Morazzo: há momentos de um lirismo leve, esvoaçante, terno, sobretudo nos poemas intimistas, ou, por vezes, no mesmo poema, como acontece neste que, a par do peso na estrutura dos versos citados, se encontram outros de uma grande leveza:*

Tu que trazes em ti as alvoradas  
e a luz dos poentes que são teus.

*Essa dualidade de estilos na estrutura do poema encontra-se em quase toda a sua poesia, o que constitui um traço marcante da sua poética.*

*Vejamos em «Poema para um marinheiro», em homenagem a seu pai. Aqui o mesmo tom veemente, quase epopeico para evocar o ilhéu cabo-verdiano que parte em busca da aventura, desbravando o horizonte e o desconhecido, tendo o mar por companhia:*

Querias ser marinheiro  
de um país qualquer  
num barco qualquer  
de um porto qualquer...

*A toada, que é dada pela repetição do pronome «qualquer» e pela combinação de palavras simples, como «marinheiro», «país», «barco», «porto», adensa-se num verso mais longo e vibrante, carregado de intenções:*

Captar a essência recôndita dos seres  
guardar a emoção dos povos e das raças  
coleccionar vivências e sonhos.

*Essa dualidade no estilo serve um outro binómio, o da partida/regresso, cuja temática marítima é fulcral em quase todos os poetas cabo-verdianos, desde os pioneiros dessa literatura, José Lopes, Eugénio Tavares, Pedro Cardoso, elegendo-se como tema fundador de uma poética em Jorge Barbosa e sendo referência importante em Manuel Lopes e Osvaldo Alcântara e vivificando-se em Corsino Fortes com o seu Mar & Matrimónio, inserido em Pão & Fonema.*

*Mas, enquanto nestes poetas o regresso é uma esperança ou uma meta a concretizar, ainda antes da partida, depois do ilhéu ter ganho a experiência que o enriquecerá para devolver à ilha a sua contribuição na reestrutura do país (como o dirá de forma notável Corsino*



Fortes), em Yolanda Morazzo, a partida/regresso constituem-se num ciclo eterno, cósmico, transformando o homem em pedra sideral suspenso no Universo:

Ah voltar!  
Contar histórias fantásticas das tuas viagens  
Ao sabor da tua imaginação

Depois... seria novamente a partida  
Uma lágrima furtiva  
E de novo o sonho do mar alto...

.....

A tua vida  
É um constante caminhar  
Desde o salto brutal até à queda  
É um nunca acabar  
Por entre os becos  
E a acrópole das colinas do sol ao meio-dia

.....

Teu ser integral lúcido e perfeito  
Que não morreu nem morrerá jamais  
Cortou as espirais de fumo das ilhas  
E ficou suspenso no Universo.

No terceiro livro, *Lumenara*, título em crioulo, que significa «luminária», evoca as fogueiras em Cabo Verde e a iluminação festiva pelas festas dos santos, apresentando-nos a via cósmica para a compreensão do homem e da sua capacidade onírica.

O título em crioulo imprime, logo à partida, a sua marca de identidade como uma voz cabo-verdiana que se ergue para se afirmar dentro desse espaço.

A palavra em português, *luminária*, significa lâmpada (do latim, *luminare*, íris), o que alumia, pequena lanterna, candeia, pessoa de grande inteligência.

Por isso, este título, que é uma homenagem ao povo da sua terra e ao seu sentido dionisíaco da vida, aponta-nos igualmente para a hermenêutica da obra, isto é, para a interpretação de todo o seu tecido textual, pois nele se reúnem os vários conteúdos, os temas das vertentes diversas que constituem o núcleo fundador da sua poética, a lírica, a social, a filosófica, consubstanciadas na mensagem do direito à vida e à sua dignidade, mas, igualmente, onde cabem todos os sonhos do Homem.

*Inicia-se este livro com o poema «Nebulosa»:*

Sou o levita dos teus sonhos belos  
mais altos que a torre de babel  
na nave fria de alcançar o céu  
sou o levita dos teus sonhos belos

*A 1.ª pessoa assume-se nessa capacidade do poeta de levitar sonhos, isto é, de descobrir a dimensão do maravilhoso, igualmente presente no «homem terra» atraído pelo «mar-longismo» de que nos fala Gabriel Mariano.*

*No poema «Liberdade», conjugam-se elementos da natureza como «árvore», «rosas», «banco», «jardim», «relva», «acácia rubra», «a palmeira» para evocar a infância nessa paisagem tropical, onde o calor se mistura com o cheiro da terra e a distância perde a dimensão:*

Jardim da minha vida  
jardim da minha infância  
havia árvores com fruto  
dançando à luz do sol

*Mas no poema «Alma crioula», a autora reporta-se às raízes mais profundas que constituem a forma violenta como foi processado o povoamento das ilhas cabo-verdianas. O negro arrancado ao seu habitat, desde a Costa da Guiné à Costa do Marfim, era dispersado pelas várias ilhas com o objectivo de perder a sua identidade.*

*Pela força das necessidades o homem branco, porém, teve de se solidarizar com os escravos negros, realizando-se, assim, o prodigioso fenómeno da miscigenação, que em Cabo Verde foi notável, pois deu origem a um povo crioulo, que se libertou das grilhetas, mediante cartas de alforria, muito antes das restantes colónias.*

*A poeta resume a alma crioula nesse sentimento de nostalgia que deixou uma cicatriz, um eco de dor e gritos de desespero nessa gente que aportou um dia em Cabo Verde:*

E eu sou o leque daquela palmeira  
a outra face que se não vê  
na outra margem do Tempo e da Memória  
baloçando... baloçando ao vento  
levemente...

Acenando... acenando  
o adeus profundo  
ao filho da galera do negreiro  
arrancado à terra de seus pais  
aportando um dia a Cabo Verde

A raiz do pesadelo se perdeu  
Na cicatriz do sonho diluído...  
o escravo liberto fez-se homem  
na ilha deserta junto ao mar.

*Reforçando esta temática, «A epopeia que não foi escrita» marca o acto inaugural da cosmogonia cabo-verdiana.*

*Inicia-se com uma epígrafe de Camões: «Lá onde o cabo Arsinário o nome perde e dos outros se chama Cabo Verde», evocando o nome antigo e mítico.*

*Tal como Jorge Barbosa, que, no seu primeiro livro, Arquipélago, sente a necessidade de focar os factores geográficos, climáticos, cosmogónicos e os essenciais da insularidade, ou ainda como José Lopes no poema «Atlântida — à minha Terra» com os mesmos objectivos, também Yolanda Morazzo o faz neste longo poema, pondo em evidência, como factor primordial, a criouliidade.*

*A autora acentua a sua importância, pois é a partir do momento que o homem branco se une à mulher negra que começa verdadeiramente a história de Cabo Verde. Por isso, não importa quem chegou primeiro, pois um sem o outro não poderiam cumprir o seu próprio destino inaugural da formação e povoamento dessas ilhas desertas.*

*E termina o poema com um incentivo que é, simultaneamente, um grito de cabo-verdianidade que se confunde com a criouliidade, ou seja, com a consciência de uma identidade a partir desse homem novo, fusão de duas raças, com características próprias e originais:*

Tu homem da pele de bronze antigo  
e tu mulher da cor do jambo de oiro  
saibam gritar aos ventos da História  
esse segredo  
da vossa criouliidade  
e essa perenidade  
Homem da cor do jambo de oiro  
Mulher da cor do jambo doirado

*Yolando Morazzo, que teve a preocupação de datar cada poema, localizando o acto de escrita em Cambambe e em Luanda, revela-nos que o seu imaginário nunca deixou de estar ligado a Cabo Verde. Inúmeros são os poemas que evocam a sua terra, como «Morabeza», «Capitão da areia», «Contraste», «Luar de Cabo Verde», «Maninha», «Vaporinho d'água» (versão em português e em crioulo).*

*No entanto, Angola, onde viveu largos anos, a partir de 1958, nos períodos mais convulsivos, quer da guerra colonial, quer assistindo, após a independência, à guerra fratricida entre os vários grupos étnicos e políticos, teria fatalmente de a marcar.*

*Em Cambambe, onde nasceu a sua filha Diva, escreveu a maior parte destes poemas.*

*Desta terra Yolanda guardará doces recordações, celebradas no emotivo poema de despedida «Cambambe»:*

Dez anos de vida aqui passados  
Jardim de África sobre o mato  
digo-te adeus como uma amante

.....

Ó varanda varanda minha amante  
varanda de África sobre o mato  
e as árvores dançando ao luar  
e as sombras fugindo no jardim

*Mas é em Luanda que a poeta escreve os poemas mais sofridos e revoltados pelos conflitos armados a que assiste e pelo ambiente de insegurança, desconfiança e inquietação que se vivia na capital e no resto do território.*

*Recordando o massacre de Quifangondo, onde foram mortos vários estudantes, a poeta escreve o poema «Archote»:*

20 promessas no sonho  
20 esperanças na face

.....

20 certezas gritando  
gritando 20 vezes gritando

.....

20 balas ferindo  
20 corpos trespassando

e o sangue a correr  
correndo  
rolando 20 vezes rolando  
no chão de África  
20 vezes  
dando de beber às raízes.

*O poema «Abismo», também escrito em Luanda, durante a guerra civil em Angola, em 1979, é bem significativo do estado de espírito da autora, que se contorce de espasmo e de dor pelo que há de inútil e de abismal numa guerra desta natureza:*

Inútil abismal inútil  
cai o pólen no fim do mundo  
semeando a tua impotência

*Com a mesma dor, escreve «Sangue escrito com sangue». Vamos encontrar esse mesmo sentimento de vazio e de amargura no poema «Exílio», sentindo-se, de facto, exilada, longe da sua terra, longe da sua feliz infância perdida:*

a realidade do que somos  
em terra alheia  
é um grito de desespero  
a flâmula dos banidos e proscritos.

*O poema dedicado à Europa e à África, «Onde construir minha cabana», é um documento poético crucial que revela o seu ser bipartido entre a África e a Europa. A África que foi seu berço, em terras de Cabo Verde, arquipélago atlântico, no qual essa dualidade existe resumida na questão posta por Manuel Ferreira em Aventura Crioula, «Afinal: África? Europa? Mais importante do que isso: Cabo Verde».*

*A Europa, espelhada na sua pele branca e na cultura adquirida (Maiakovsky, Lamartine, Rimbaud, Verlaine, os clássicos portugueses, Eça, Camilo, etc.), mas fundindo-se afectivamente e também culturalmente com a África que foi seu berço, sintetizando no Gibraltar dos dois continentes a essência da criouliidade. Essa será a resposta para a sua interrogação e onde construirá a sua cabana:*

Eu filha de África  
mascarada de europeu  
água bicéfala

olhando a África de um lado  
e do outro a Europa  
para onde tombar a minha cabeça?  
Onde encontrar a minha origem?  
Onde construir a minha cabana?

*Este livro termina com um poema dedicado a sua filha Diva, na sequência de outros que lhe dedica com todo o amor de mãe. São poemas que fazem parte de uma série deles mais intimistas, nos quais a infância tem um lugar vital, por isso se podem alargar como dedicatória a todas as crianças, no sentido de usufruírem esse tempo breve da infância des-preocupadamente:*

atira moedas ao ar  
nas tardes quentes  
meu amor enquanto é tempo  
e dura a primavera e é verão.

*Nesta linha, o poema «Ultrapassagem», escrito posteriormente e que se encontra no quarto livro e é dedicado a sua filha Diva, pelos seus 20 anos, constitui da mesma forma um incitamento à luta pelos valores de justiça e de independência que devem nortear todos os jovens, aproveitando a força da juventude para o seu melhor.*

*Este poema, conforme o significado do título, é uma lição de vida, pois afirma humildemente que são os jovens que amanhã devem encaminhar os seus pais, tal como estes o fizeram no início dos seus anos.*

*A infância é um tema constante da sua obra que a liga a Cabo Verde e lhe traz recordações controversas, ora felizes, ora dolorosas, a partir do momento em que teve de abandonar a sua terra, pondo fim a esse tempo feliz, sentindo a partida como uma flor arrancada violentamente ao seu húmus, um corte abrupto na sua vida.*

## CÂNTICO DA INTEGRAÇÃO CÓSMICA (1980-2004)

*Nestes últimos vinte e cinco anos, Yolanda Morazzo, já mais amadurecida e, em Portugal, fora do cenário de guerra, no qual tinha vivido vários anos, sente-se mais livre para poder pensar e escrever sobre temas que vai encontrar dentro de si própria e que são fruto, não só de*

*uma cultura sólida, de uma reflexão sobre o homem, mas também de uma vivência rica que soube captar sob o ângulo de um humanismo consciente.*

*Escreve, então, poemas evocativos de pessoas e momentos marcantes, e outros, de cariz filosófico, em que a dimensão cósmica está presente numa espécie de panteísmo. Não esquece, igualmente, as suas origens cabo-verdianas e o grande continente africano, sua luz e militância.*

*«Delírio» é uma poesia de amor, das mais belas da sua obra, que expressam a sua fibra de grande poeta:*

Gostaria de subir contigo  
ao monte branco  
de ir contigo de mãos dadas  
a esse país de alvas culminâncias  
neves eternas nas alturas  
onde o branco é a cor  
da pureza inicial  
do ser em meu regaço  
lírrio e orvalho e fonte  
regato ou pérola jasmim branco.  
.....  
gostaria de ir contigo  
ainda mais longe...  
mais longe que a lonjura  
nos olhos de um monge do Tibete  
gostaria de ir... não sei onde?!...  
e auscultar a pulsação do mundo.

*Dentro da poesia intimista, o poema já referido, «Ultrapassagem», e a homenagem à Mãe, no belíssimo texto poético «Imagem», põem em relevo o lirismo leve, subtil, quase inefável desta escritora a quem Arnaldo França se referia como «a pioneira da poesia feminina pós-claridade» num artigo publicado na revista Vértice, n.º 55, Julho/Agosto de 1993, intitulado «Panorama da literatura cabo-verdiana».*

*Várias são as evocações, nomeadamente a José Gomes Ferreira, a Manuel Ferreira em «Hora d'bai», a Zeca Afonso, ao seu primo e fraterno amigo, Francisco Lopes da Silva, no poema «Tempo sem tempo», enfim, a todos aqueles que passaram por esta vida, deixando um traço da sua passagem, desde o mais humilde ao mais sábio e que a marcaram, dedicatória esta expressa em «Instantâneo».*

*A infância é um tema que percorre os quatro livros da sua poética, como um marco importante ligado a Cabo Verde, sobretudo à ilha de São Vicente, e que é recordada com uma grande doçura, mas igualmente como algo que, dolorosamente, se perdeu numa idade precoce, no momento exacto da partida para outros continentes, outros ares.*

*No poema «Infância», recorda o período de vida em São Vicente, os seus longos passeios até à Matiota, as brincadeiras «à sombra duma árvore / no meio da paisagem / escassa e lunar». Mas é também a celebração da ilha na beleza das noites de luar sobre a rudeza da terra e das coisas simples do seu povo («a praia dos botes salgados de sal», «campo tchada», «terra escavada»).*

*Se o arquipélago de Cabo Verde se situa a 455 km da costa ocidental africana, o que leva Manuel Ferreira a considerar que Cabo Verde é uma terra atlântica, nem África, nem Europa, mas uma mescla dos dois continentes, o que traçou a sua própria originalidade, Yolanda Morazzo, embora afirmando que nasceu em África, situando, portanto, a sua terra no continente africano, no entanto, fá-lo apenas sob o ponto de vista hemisférico:*

Nasci em África  
sou filha do sol

*E termina o poema:*

São Vicente — ó África  
minha terna infância.

*Não há nela em relação a Cabo Verde aquele sentido político de africanidade que muitos dos seus conterrâneos abraçaram, sobretudo depois da independência, mas uma visão atlântica na linha exactamente de Manuel Ferreira, sem menosprezar o seu amor e respeito por África, no seu todo.*

*Em «Fotografia», o sujeito poético, olhando a sua fotografia, procura rever-se na infância perdida:*

Os olhos são duas fendas  
inexpressivas  
.....  
porque não riem?  
porque se esqueceram de cantar?  
.....



de procurar os trilhos  
da infância  
os caminhos do sol  
e das eiras?

*Essa ruptura com a infância traz-lhe uma sensação de agonia que perdura até hoje:*

Tenho um buraco no peito  
negro de um poço sem fundo  
rio de sangue sem foz  
explosão — despenhadeiro  
abismo — sonho — saudade  
dilaceração do ser  
fonte não sei de quê  
fogo de mim e de nada.

*Esta agonia pressente-se mais profundamente no poema «Aguilhão». Neste binómio do tempo passado/presente há o confronto dos espaços que vão de Luanda a Lisboa e de Lisboa a Cabo Verde.*

*No poema «Sanzala na cidade», reportando-se a Luanda, ao ano de 1982, a autora descreve o que vê da sua janela, um pátio onde as práticas higiénicas são nulas.*

Da minha janela observo a paisagem  
no pátio de um prédio imponente  
uma mulher curvada sobre um balaio  
a «tenter» a fuba para um saco estendido  
e uma outra acorçada  
lava a loiça num alguidar  
e despeja a água gordurosa  
no chão de concreto  
enquanto crianças nuas de barriga inchada  
chapinham nas poças de água suja  
onde o paludismo as espreita.

*Em 1983, o sujeito poético, já em Lisboa, percorre as ruas e os locais obrigatórios (o Rossio, a Suíça, o Nicola, o Chiado, o Café Chiado, a Benard, a Brasileira) e revê os intelectuais de antanho, a Natália Correia, enfim, as referências dos anos 80 aquando da sua vinda para Portugal, mas que se reportam aos anos 50.*

*Para além de textos de carácter social, como a «Balada de um jovem desempregado» e, satiricamente, a inquirição «— sabe o que é o Iva?», infelizmente tão actual, a poesia de carácter intimista e filosófico é a mais relevante neste livro.*

*Em «O pássaro ou diálogo sobre Kafka», a autora exprime a sua admiração por este filósofo que, em vida, foi completamente ignorado e incompreendido.*

*Na verdade, Franz Kafka, escritor checo de língua alemã que viria a morrer tuberculoso, levou uma existência triste e curta. Os fragmentos de A Metamorfose que publicou em vida não tiveram nenhum sucesso. Só após a sua morte O Processo foi conhecido pela mão de André Gide, que o converteu numa peça de teatro. Depois disso, passou a reconhecer-se a sua obra.*

*Yolanda Morazzo, que leu o seu Diário Íntimo, publicado em 1948, foi tocada por esta vida tão apagada, no entanto, detentora de uma vivência íntima rica, produzindo uma obra, cuja luz chega aos nossos dias intacta e actual na luta contra todos os absurdos.*

*A poeta busca a dimensão transcendente que a integra no cosmos, como se uma partícula de si, um átomo, um sopro, se libertasse do seu «eu», tal como um pássaro ferido, representando a sua faceta mais dorida, fosse poisar numa floresta sombria, ao lado de Kafka, já transformado em elemento sideral e que, sentado sobre uma pedra escura, lê o seu Diário, como se já não lhe pertencesse.*

*O sujeito poético interroga-se:*

Pássaro de que enormes abismos te projectaste  
até aos meus ritmos e reinos de lóbrega tragédia?  
Incomparável louco cosmonauta errante  
Pássaro estranho que não te sonhei nem vi!...

*E termina:*

ó pajem sublime louco eterno amante  
não me ouves no vento que passa  
não sentes o som da minha voz sem vozes  
diluída em tua essência mineral?

*Há uma identificação com a voz de Kafka, com a sua forma de estar na vida, pela sua origem judaica, pelo seu pensamento. Por isso, a poeta se sente envolvida por esse «intangível amante», que é simultaneamente sujeito e objecto, parte de si, o pássaro que se funde no universo, e o*

filósofo, essência mineral, com o seu olhar «serenamente acusador / esse olhar de sarça-ardente», que o pássaro tem o poder de entrever.

Poema denso, surrealizante, é expresso em belíssimas imagens, convertendo-se em monólogo rico que exige uma leitura atenta e esclarecedora.

Vários outros poemas vêm na linha filosófica deste, como «Fractal» ou «Noite absurda — balada do non-êtré», em que o agente poético se encontra «no labirinto da noite», «surdo silêncio cósmico» «a baloiçar... a baloiçar» «entre o ser — e não ser».

Em «Roda-viva» é uma reflexão sobre o seu próprio «eu», súpula de toda a cultura que lhe foi impressa, o «eu», representante de todo o ser humano.

Eu não sou  
eu já era  
eu não sei  
já sabia

Cântico da Integração Cósmica é, deste modo, o culminar de uma vivência poética que questiona paradigmas de pensamento, de comportamentos sociais, mas, sobretudo a inserção do homem neste universo, que só pode ser harmonizada através do conhecimento do próprio «eu».

A obra de Yolanda Morazzo, há tantos anos esperada, vem completar um ciclo na literatura cabo-verdiana, iniciado no Suplemento Literário, em 1958.

É uma obra que vai surpreender muitos dos seus conterrâneos e os estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa, pelo silêncio em que foi guardada, revelando-se agora em toda a sua pujança e qualidade, constituindo um contributo precioso que muito dignifica a literatura de Cabo Verde e as belas letras de língua portuguesa.

Neste prefácio apenas foram sugeridas algumas pistas de leitura e referências num espaço que obrigatoriamente tem de ser reduzido. A obra de Yolanda Morazzo merece, porém, ser estudada em toda a sua extensão, pois cada poema sugere um mundo de referências a vários níveis, (social, cultural, filosófico, político, geográfico, literário, linguístico) que os estudiosos da sua terra e das literaturas africanas, que já vão sendo numerosos, têm agora em seu poder, para um vasto campo de investigação.

Sinto, assim, tal como aconteceu ao desbravar a obra de Jorge Barbosa, uma felicidade imensa por ter podido dar o meu modesto contributo aos estudos literários de Cabo Verde.

*Por isso, não posso terminar esta breve introdução sem uma palavra afectiva de reconhecimento e de alegria por ter tido a grata missão de reunir nas minhas mãos a obra poética de Yolanda Morazzo, minha querida amiga e irmã do coração.*

Lisboa, 8 de Agosto de 2005.

ELSA RODRIGUES DOS SANTOS

*A meus pais e meus irmãos*

*Ao Fernando e à minha filha Diva*

*Ao Mindelo, a minha Cidade atlântica-flutuante*